

# Pontuação para quê?

Sinais de pontuação são sinais gráficos usados na língua escrita com o objetivo de recuperar recursos específicos da língua falada, como a entoação e as pausas, ou auxiliar a leitura. Os principais sinais de pontuação utilizados na língua portuguesa são os seguintes: ponto final (.), ponto e vírgula (;), dois pontos (:), ponto de exclamação (!), ponto de interrogação (?), reticências (...), vírgula (,), aspas (“ ”), travessão (—) e parênteses ().

Tais sinais, diversas vezes, não recebem o valor que merecem na produção escrita, pois muitas pessoas pensam que não há problema em se esquecer de uma vírgula, por exemplo. Esses sinais não foram criados para serem simplesmente deixados de lado. Aliás, uma vírgula pode mudar todo o sentido de uma frase e até causar sérios desentendimentos.

Um famoso caso que ilustra

bem situações como essa é a história da czarina russa Maria Fyodorovna. Segundo relatos, a monarca não concordava com a decisão de seu marido, Alexandre II, com relação à prisão e morte de um indivíduo no calabouço da Sibéria. Ao fim da ordem de prisão, estava escrito: *Perdão impossível, enviar para Sibéria*. Diante do caso, Maria ordenou que escrevessem nova ordem e, ao ler o documento original, mudou a pausa durante a leitura, trocando a vírgula de lugar, o

que transformou a ordem em: *Perdão, impossível enviar para Sibéria* e o sujeito foi libertado.

Como podemos observar, o deslocamento de uma vírgula altera completamente o sentido da frase. Assim como a vírgula, também é importante fazer uso correto dos demais sinais de pontuação, os quais possuem basicamente três finalidades: (i) indicar as pausas na leitura, (ii) separar palavras, expressões e orações de destaque e (iii) clarear o sentido da frase, evitando ambiguidades.

Como já vimos, a vírgula é, sem dúvida, um dos sinais mais importantes. O ponto e vírgula funciona, na maioria das vezes, como

ponto e não como vírgula. Há ainda o ponto de exclamação, que marca a emoção, o entusiasmo ou a surpresa, sentimentos típicos da oralidade, no texto escrito. Por exemplo, *Felicidades!, Parabéns!, Que horror!*. Os dois pontos, por sua vez, são usados quando citamos alguém, como no exemplo, *Paulo Freire já afirmara: Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor* ou quando queremos criar uma expectativa da informação seguinte, *Abriu mão do que mais gostava: acordar tarde*. Já as reticências são utilizadas para indicar que a frase não termina, que algo ficou subentendido ou que a pessoa está insegura. Um exemplo disso pode ser visto na seguinte frase: *Ele disse que não queria, mas...*

Assim, percebemos que a pontuação é muito importante na língua escrita, pois assume a função de sinalização, estruturando o texto a ser lido e conduzindo o leitor.

por Renata Tironi de Camargo  
Prof.<sup>a</sup> Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)  
renatatironi@hotmail.com



## Preconceito linguístico: quando a gramática é o algoz

Hoje em dia, muito se fala em preconceito e discriminação, como o racismo, por exemplo. Esse e outros tipos de preconceito são bastante discutidos e combatidos na sociedade atual. Há, no entanto, um tipo de preconceito de que se fala muito pouco e que é visto com naturalidade por muita gente: trata-se do preconceito linguístico, que leva algumas pessoas a ridicularizar ou ofender outras apenas por causa da sua maneira de falar. Quando se chama alguém de “burro” ou “estúpido” porque essa pessoa não fala ou escreve de acordo com as regras gramaticais, reforça-se esse tipo de preconceito, tão grave quanto qualquer outro.

A forma diferente de cada indivíduo falar deve-se ao fenômeno da variação, que a ciência linguística já comprovou acontecer em todas as línguas. Isso significa que dentro de uma mesma língua – o português, por exemplo – há diversos grupos que a utilizam de maneiras diferentes. Essa variação pode ser determinada por vários fatores, como a região de origem da pessoa, o gênero, a idade, o nível de escolarização, entre outros. Assim, um português fala diferente de um brasileiro ou de um timorense; e mesmo dentro desses países, há maneiras de falar típicas de cada região. Também, mulheres e homens usam a língua de formas distintas, assim como jovens e velhos, e, claro, pessoas de classes sociais e níveis de escolarização

diferentes.

Apesar de a variação ser algo natural em todas as línguas, ela frequentemente é vista com maus olhos por aqueles que pensam que a língua deve ser algo uniforme e imutável. Em especial, as variedades dos países colonizados ou menos desenvolvidos, das regiões mais pobres e das classes sociais mais baixas são aquelas que sofrem maior reprovação. Por exemplo, é muito comum ouvirmos dizer que “apenas o português de Portugal é puro e correto”, enquanto o português das ex-colônias seria uma corrupção da língua de Camões. Da mesma forma, se alguém com pouco estudo produz uma frase considerada errada pelos manuais de gramática, provavelmente essa pessoa será mal vista. Às vezes, a própria pessoa se sente inferior e tem vergonha de falar na frente de outra, que fala a variedade socialmente prestigiada. Não é raro uma conversa entre dois sujeitos de camadas sociais distintas (ou, por exemplo, entre um timorense e um português) se iniciar com uma frase como “desculpe o meu mau português...”.

Assim como ocorre na maioria das línguas, o português comumente considerado “mau”, “errado”, “feio” ou “impuro” é aquele associado às classes desfavorecidas, e que se afasta da norma gramatical padrão. Essa norma é o modelo de língua ideal criado por alguns estudiosos – que, por sua vez, baseiam-se em grandes clássicos da literatura para definir o que seria a “língua culta”. A variedade padrão da língua, porém, não é melhor do que nenhuma outra. De acordo com os estudos científicos da linguagem, todas as variedades cumprem a função fundamental da língua, que é a comunicação entre os falantes, e, portanto, todas são igualmente corretas e têm o mesmo valor. A única diferença é que algumas se aproximam e outras se afastam mais daquele modelo adotado como padrão ou ideal, que tem mais prestígio na sociedade.

Não podemos negar que a norma tenha sua importância. É necessário haver um padrão que dê

alguma uniformidade às línguas. Sem essa norma, seria impossível decidir de que maneira escrever documentos e textos formais, como a constituição de um país; ou mesmo que linguagem empregar nos noticiários de televisão e rádio. No entanto, para que essa norma padrão represente todos os falantes da língua, é preciso que tenha alguma flexibilidade para acompanhar as mudanças da língua e abarcar as diferentes variedades nacionais. Não se pode viver para sempre seguindo apenas as gramáticas baseadas no português escrito em Portugal séculos atrás.

Além disso, é fundamental que todos os cidadãos consigam compreender e se expressar perfeitamente na norma padrão da língua de sua nação – e é papel da escola ensinar essa norma. Contudo, especialmente nos países com maior desigualdade social, nem todos têm acesso à educação de qualidade, e por isso nem todos dominam a norma padrão de sua própria língua (ainda mais quando essa norma vem do estrangeiro). A dificuldade em falar e escrever de acordo com as regras da gramática tradicional não representa falta de inteligência ou capacidade, mas sim falta de oportunidade de estudo.

Em vista disso, devemos estar atentos às nossas atitudes no que diz respeito às variedades da língua. Fazer piadas ofensivas ou discriminar alguém por causa da maneira de falar de sua região ou comunidade é uma forma de preconceito, muitas vezes incentivada por professores e pessoas influentes. Devemos, sim, lutar para que todos tenham acesso a uma educação de qualidade e ao aprendizado da norma padrão de sua língua, podendo utilizá-la sempre que julgarem necessário e comunicar-se sem dificuldade em qualquer situação.

por Vivian Borges Paixão  
Prof.<sup>a</sup> Mestre em Letras Vernáculas (PQLP/CAPES)  
vpaixao91@gmail.com

